

Segunda-feira, 25 de Novembro de 1985 3

A lição de Memba

HA valores individuais surpreendentes em Moçambique. Há pessoas que sem serem membros do Partido ou de organizações democráticas de massas defendem e juram morrer por esta terra que lhes pertence por direito natural.

Até há comerciantes que, por venderem produtos ao Povo necessitado, são acusados pelos bandidos armados de «comunistas». No distrito de Memba, na província de Nampula, conheci alguns destes «comunistas» de comércio e escutei, interessado, a sua vibrante voz quando descreviam as peripécias pelas quais têm passado por terem jurado ser comerciantes, só.

Chegámos a Memba,idos de Nacala, numa tarde fresca do mês passado. Éramos um grupo de oito pessoas que nos adiantávamos à visita que no dia seguinte o Ministro moçambicano do Comércio Interno se propunha fazer à zona.

Também éramos um grupo bastante curioso, queríamos saber e discutir tudo sobre Memba. Justificava a nossa curiosidade o facto de sabermos que foi em Memba que em 1981 devido à falta de alimentos por causa da seca que a tinha dois anos, as pessoas começaram a alimentar-se basicamente daquela mandioca adocicada de «amarga» ou de «tipo Guru», provocando-lhes em seguida uma doença de paralisia cientificamente conhecida por Neuropatia Tropical.

Os técnicos de medicina dizem que tal doença foi resultado da intoxicação com derivados de cianeto na mandioca «amarga» que era ingerida pela população de Memba. O consumo massivo

daquele tubérculo em Memba aconteceu porque ele é mais resistente à seca que a mandioca doce e, quando não chovia já há dois anos, a população não teve outra alternativa senão «comer o existente». E o País pagou as consequências disso.

Hoje, são poucas as pessoas de Memba que se recordam daquela calamidade, exitosamente combatida pelas autoridades sanitárias e organismos humanitários do País. A maioria já não se lembra porque hoje Memba produz e comercializa milho, mandioca doce, arroz, arrendoim, para não falar do peixe que é extraído ao longo das águas em que se banha o oriente do distrito. Graças a essas produções, a dieta alimentar dos habitantes de Memba é boa e variada, e as pessoas não se mostram subnutridas. Mas ainda se mostram meio nuas porque há falta de roupa no distrito, principalmente entre os habitantes das zonas mais afastadas da sede do distrito.

Junto à roupa, Memba precisa, de fora, de óleo vegetal, sal, petróleo, produtos que têm de vir de Nacala-Fórto ou Nacala-a-Velha (o sal) e que nem sempre vem por razões que os habitantes comuns de Memba não dominam.

Bom, estou a dissertar em problemas «conjunturais» mas apenas queria dizer que numa reunião orientada naquele distrito pelo Ministro do Comércio Interno, no dia seguinte ao da rossa chegada, levantou-se um homem sério, forte e velho. Olhou fixadamente para o Ministro e numa voz embargada identificou-se:

«Chamo-me Daúde Abdul Magid Sacugy. Sou natural daqui de Memba há mais de 60 anos».

O homem, com a calma de quem vai exprimir uma dor, explicou que viveu desde a década de 50 em Muculuhuni, ao pé de Nacaroa, onde possuía cerca de 125 cabritos, mais de três dúzias de ovelhas, uma grande machamba de tabaco, um bananal que até produzia para abastecer outros distritos e várias outras coisas que Daúde disse que «não estavam registadas».

Contou em seguida que tudo aquilo foi queimado e roubado pelos bandidos armados que invadiram a sua casa de Muculuhuni em Agosto do ano passado. Referiu que a sua cantina foi também saqueada e queimada. Disse que o total em dinheiro das coisas registadas ascende a «um milhão, 377 mil e 877 meticais e cinquenta centavos».

Daúde Sacugy informou, contudo, que o alvo principal dos bandidos não era a sua propriedade, os seus cabritos, a sua cantina, mas era ele mesmo, uma vez que recebera várias ameaças dos bandidos acusando-o de «colaborador da FRELIMO», de comunista. Por isso a sua vida dera este recuo que a todos doeu naquela reunião.

Mas, quando todos já estávamos psicologicamente preparados para ouvir as suas palavras de rendição, de desespero, aquele comerciante reergueu a voz e disse:

«Esses catunos andam enganados, nunca colaborarei com eles, assassinos, malfeteiros. Destruíram a minha loja, as minhas propriedades, mas continuo a vender as mercadorias que me chegam.»

Daúde continuou a falar neste tom decidido. Fora da reunião viemos a saber que é verdade que ele vende mercadorias «mesmo em baixo do cajueiro», porque para ele o «fundamental é promover o abastecimento e realizar-se como comerciante», dizia um colega dele.

Depois da intervenção de Daúde Sacugy um silêncio pesado dominou a sala de reuniões do Conselho Executivo de Memba. Foi o Ministro quem quebrou aquele silêncio explicando aos presentes quanto valia o exemplo de Sacugy. Aproveitou o ambiente para explicar a estratégia sul-africana, materializada no terreno pelos bandidos armados, do desgastar o nosso País economicamente, cortando e desorganizando os circuitos de comercialização de mercadorias.

«Por isso, o caso de Daúde é bem ilustrativo de quanto os bandidos armados cumprem as ordens sul-africanas de astrangular economicamente o nosso País», disse o Ministro quando explicava aos presentes que aquele caso «merece uma reflexão de todos, deve despertar um sentimento de revolta contra os bandidos».

Acabada a reunião, continuámos a registar manifestações e declarações de patriotas por parte de vários «comunistas» do comércio de Memba. Eles desafiam o futuro com acções concretas, comercializam os produtos agrícolas dos camponeses mesmo nas zonas afectadas pelo banditismo armado e, nesse dia, rubricaram oralmente o seu compromisso solene de continuarem a ser «soldados sem quartel» pela comercialização dos excedentes da produção dos camponeses, bem como pelo abastecimento do Povo com as mercadorias que houverem.

Para nós, dois dias passados em Memba foram suficientes para aprendermos que afinal os Daúdes não são poucos, são vários e, coitados daqueles que pensam que é suficiente queimarem a loja e os cabritos de um comerciante simples para toda a gente se render a seu favor.

Não duvidamos da determinação dos homens de Memba, pois o administrador distrital foi também entusiasta em descrever-nos a combatividade dos camponeses de Memba na produção, dos milicianos na defesa, dos comerciantes de Memba na comercialização agrícola e dos estudantes de Memba na absorção dos conhecimentos que lhes são transmitidos nas escolas do distrito. Há também a combatividade, por nós testemunhada, daqueles enfermeiros do hospital de Memba que, sem boas provisões em medicamentos, tentam fazer face a todas as solicitações médico-sanitárias do Povo dali.

Em Memba aprendemos como se pode e deve viver num País agredido, um País em guerra pela defesa da vida, pelo desenvolvimento do comércio, pelo desenvolvimento da produção, pelo desenvolvimento do ensino.

Voltar-mos a Memba!

The case of a trader in Memba (Nampula), whose cantina was pillaged and burned by BAs, but who continued to trade 'under the mango-tree', and refused to collaborate with BAs.

Lesson is that it is not necessary to be Party member etc. to be a patriot.